

**DOS POTES AO TERRITÓRIO:
O DESAFIO METODOLÓGICO
BROCHADIANO EM DOIS
CONTEXTOS GUARANI***



RAFAEL GUEDES MILHEIRA**, JOSIEL DOS SANTOS***

Resumo: *as contribuições sistêmicas da obra de José Proenza Brochado para a arqueologia brasileira (e para arqueologia dos povos falantes do tronco Tupi) foram sentidas já na década de 1970. Sobre temas como território, organização social, tecnologias, movimento e expansão, alimentação e produção, foram abertas novas janelas interpretativas e abordagens metodológicas que influenciaram as novas gerações de pesquisadores e pesquisadoras. Influenciados por sua obra, apresentamos um estudo em dois contextos arqueológicos de sítios Guarani no sul do Brasil – ao sul da laguna dos Patos e no litoral sul de Santa Catarina –, pensando-os a partir de uma perspectiva sistêmica de domínio territorial. Partindo, sobretudo, dos resultados das análises de coleções cerâmicas presentes nos sítios arqueológicos, foram mobilizados parâmetros para se pensar o uso do espaço, sendo identificados locais de moradia permanente e de acampamentos temporários, que estariam articulados entre si e distribuídos dentro de um território de domínio – o tekohá.*

Palavras-chave: *Arqueologia Guarani. Cerâmica Guarani. Território de Domínio.*

* Recebido em 17.07.2020. Aprovado em 14.11.2020.

** Professor do Bacharelado em Arqueologia e do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas. Coordenador do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ/UFPel). Pesquisador do CNPq, nível 2. *E-mail:* milheiraraafael@gmail.com.

*** Mestre em Antropologia, com área de concentração em Arqueologia, pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas. Arqueólogo da equipe técnica da Espaço Arqueologia. *E-mail:* josielsantos211@gmail.com.

Ao longo da história da Arqueologia Guarani, o estudo das vasilhas cerâmicas provenientes dos sítios arqueológicos teve um papel de destaque. A cerâmica sempre esteve no centro dos debates sobre movimento, dispersão, cronologia, visão de mundo, tecnologia, gestos técnicos, criatividade, dinâmica cultural e normas sociais. Do barro, da mata, do fundo do rio, do fogo e da fumaça, dos dedos, da palma da mão, da saliva e do fio de cabelo, a cerâmica congrega forças e agentes do mundo e se torna um “artefato total” *per se*. A matéria-prima nos possibilita alcançar os lugares de extração, as marcas deixadas pelos processos de manufatura nos dizem sobre os gestos, os traços e modelagens nos contam as histórias grafadas. Cada vasilha é uma “moldura” de intenções, matérias e narrativas, que conecta o presente ao passado, o mundo material ao imaterial, os indivíduos aos coletivos. Cada vasilha congrega em si matéria, movimento, ideias e estruturas.

Interpretar essas molduras envolve perseguir os processos de emolduração, ou seja, de confecção, uso e descarte das vasilhas, e esse sempre foi um desafio ao qual arqueólogos e arqueólogas se debruçaram, pelo menos, desde o final do século XIX. A história e a arqueologia Guarani são bastante cambiantes e refletem o olhar dos pesquisadores e pesquisadoras de determinadas épocas, ao que o etnólogo paraguaio Bartomeu Melià chamou de “Guarani de papel”. Nesse sentido, pode-se fazer uma ampla e incerta divisão entre o “Domínio da Etnologia” e o “Domínio da Arqueologia” (NOELLI, 1993). O primeiro poderia ser caracterizado como um período entre o final do século XIX e os anos 1960, em que a cultura material e, em especial, a cerâmica Guarani, era mobilizada como elemento fundamental para reforçar as teorias etnologicamente conhecidas. Os materiais arqueológicos recuperados em coleções particulares e acervos de grandes museus eram utilizados como elementos ilustrativos das teorias etnológicas, como, por exemplo, a origem dos povos Guarani no sul do Brasil, coincidindo com achados arqueológicos classificados como típicos de sítios Guarani nesse contexto regional (MÉTRAUX, 1927; 1928). O segundo período, o “Domínio Arqueológico”, é inaugurado pelo desenvolvimento do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), pós-1965, em que a cultura material se tornou o foco para a construção de teorias sobre a história das culturas indígenas, pensadas sob o marco das tradições e fases, ignorando dados e perspectivas da história e da etnologia.

Se no “Domínio Etnológico” a vasilha cerâmica foi foco de pesquisa numa perspectiva contextual, em que os objetos e suas associações eram a referência para a correlação entre povos e coisas, no “Domínio Arqueológico” a lógica segmentária foi a estratégia de análise para a classificação tipológica. Bordas, paredes, bases, suas angulações, cores e modelagens superficiais, quantificadas e devidamente tabuladas, foram lidos como atributos de análise que definiram tipos e, com isso, fundamentaram hipóteses sobre a sua dispersão geográfica, confundindo-se esses tipos com níveis culturais ao longo do tempo. Dessa forma, a cerâmica e seus tipos foram os elementos para a criação de mapas de tempo/espaço da história Guarani.

O trabalho que sintetiza melhor as discussões sobre a história-cultural Guarani sob a égide do PRONAPA foi o artigo de José Proenza Brochado, intitulado *Migraciones que difundieron la tradición alfarera Tupiguarani*, publicado na Argentina no ano de 1973. Nesse trabalho, o autor advoga a origem amazônica e as rotas migratórias com base em três principais informações: localização dos sítios arqueológicos, datações radiocarbônicas, seriação e tipologia das vasilhas e fragmentos cerâmicos. Na busca por uma cronologia relativa, propôs olhar para os motivos decorativos predominantes nas

coleções cerâmicas como elementos de datação relativa, em que os casos de contextos com maior frequência de material pintado poderiam ser considerados mais antigos, ao passo que os contextos com maior quantidade de cerâmicas corrugadas seriam de período intermediário, e, por fim, os contextos com predomínio de cerâmica escovada denotariam ocupações coloniais, mais recentes. Talvez sem se dar conta, esta abordagem estaria impregnada de uma lógica reducionista ou “degeneracionista”, como apontaram Noelli e Ferreira (2007), visto que o autor teria conferido nível cultural ao predomínio estilístico de tipos cerâmicos, desde o mais sofisticado (no passado antigo, denotado pela cerâmica pintada), ao estilo mais simples (denotado pela perda de sofisticação cultural em consequência da colonização).

No entanto, Brochado “riu de si mesmo”, o que o torna ainda mais genial. Ao conhecer a obra de Lathrap, desenvolveu sob sua orientação uma tese de doutoramento, defendida no ano de 1984. Maior conhecedor de coleções cerâmicas e de sítios Guarani naquele momento, Brochado lançou um olhar politicamente mais engajado sobre o passado indígena do leste sul-americano. Ao mesmo tempo que retomou as coleções arqueológicas, também se debruçou sobre a literatura etno-histórica e etnográfica, o que lhe permitiu “balançar” as bases teóricas mais enraizadas na tradição histórico-culturalista no Brasil. A partir daí, começou um movimento teórico altamente frutífero que incentivou muitos arqueólogos e arqueólogas, a partir do fim dos anos 1980, a pensar a correlação entre potes, pessoas e tecnologia, tanto de um ponto de vista teórico como metodológico, enfim, uma influência holística.

Em La Salvia e Brochado (1989), os autores apresentaram a obra com maior nível de detalhe sobre o processo tecnológico das vasilhas Guarani, contendo uma série de elementos que permitem compreender as diferentes escolhas tecnológicas realizadas pelas oleiras, deixando claro que cada tomada de decisão é orientada por um regramento prévio culturalmente estruturado, mas também determinado pelas possibilidades técnicas, necessidade contextual e capacidade criativa individual. Além de descrever as “regras e normas” da confecção de vasilhas Guarani, também são trazidas as nomenclaturas dos potes e suas características de uso. Com base nos registros etno-históricos e etnográficos e no seu vasto conhecimento sobre as coleções arqueológicas, Brochado alcançou as características êmicas de função das vasilhas, atribuindo, inclusive, nomes a diferentes categorias, algo que revisitou e refinou em, pelo menos, dois trabalhos posteriores (BROCHADO; MONTICELLI; NEUMANN, 1990; BROCHADO; MONTICELLI, 1994).

Com isso, um rico cabedal de informações foi criado e essa abordagem teve um grande impacto metodológico. Arqueólogos e arqueólogas puderam ultrapassar o limite da contabilidade de tipos cerâmicos e passaram a ter um referencial para, a partir dos atributos dos fragmentos, classificar as categorias funcionais das vasilhas e, então, pensar os contextos sociais de uso e descarte. Em suma, essa abordagem processual e sistêmica foi fundamental para desafiar arqueólogos e arqueólogas a partirem dos fragmentos cerâmicos para chegarem aos potes, e daí às aldeias, acampamentos, áreas de roça, formas de descarte, etc. Obviamente, não foi somente o estudo da tecnologia cerâmica que permitiu alcançar tal nível de interpretações sistêmicas¹. Novamente, as correlações com os dados etnográficos e etno-históricos foram fundamentais, o que permitiu, por sua vez, avançar por sobre os domínios disciplinares, empregando de forma profícua o caráter interdisciplinar da pesquisa arqueológica.

Os últimos 35 anos, portanto, foram altamente influenciados pelos desafios brochadianos. Partir dos potes e chegar às aldeias e à esfera territorial Guarani não é tarefa fácil e algumas estratégias foram desenvolvidas para tal. Na esteira desse desafio, alguns trabalhos foram fundamentais para: 1) refinar e/ou complexificar a noção de território Guarani, criando hipóteses com base na literatura etno-histórica e etnográfica; e 2) testar, com base na cultura material, as hipóteses prévias.

Neste sentido, com base na documentação de cronistas desde o século XVI, trabalhos como o de Noelli (1993; 1999/2000), Soares (1997) e Monticelli (1995), avançaram sobremaneira no conhecimento sistêmico sobre a noção de território, organização social e uso do espaço, de modo que a espacialidade passou a ser compreendida em sua integralidade, desde a casa ao conjunto de aldeias de um território, nomeando-se (a partir do léxico Guarani) e apresentando-se exemplos etno-históricos e etnográficos para contrapor aos estudos de caso arqueológicos. A partir de então, as migrações Guarani foram revistas sob a lógica da expansão territorial; a homogeneização do conceito de aldeias deu lugar à diversidade dos espaços funcionais, como habitação, aldeia, roças, acampamentos e conjuntos de aldeias; e, por fim, o território passou a ser observado a partir de uma perspectiva relacional e contextual, em que os assentamentos se articulam em um sistema complexo e cambiante.

Todo este avanço teórico amplificou os desafios metodológicos, e somente após os anos 2000 ocorreram os primeiros trabalhos que se debruçaram a “testar” as hipóteses provenientes das sínteses embasadas na literatura etno-histórica e etnográfica. Partindo do conceito de sistema de assentamento, trabalhos como de Dias (2002), Milhaire (2008; 2010; 2014a), Alves (2012), Angrizani (2011), Santos (2016), Schneider (2019), entre outros, têm um elemento em comum: partir da cultura material para interpretar os componentes espaciais que se articulam numa lógica territorial, considerando-se todas as perdas materiais decorrentes dos processos de formação dos sítios. Demonstrar arqueologicamente as aldeias, acampamentos, roças, caminhos, áreas de captação de recursos em articulação territorial é um grande desafio que coloca em xeque as práticas tradicionais da arqueologia no Brasil no que se refere, por exemplo, a questões como amplitude de áreas de escavação, datação por seriação *versus* métodos absolutos, análise tipológica e tecnotipologia.

Considerando estes desafios, abordamos neste artigo dois contextos arqueológicos do sul do Brasil, em que as análises cerâmicas, associadas ao seu contexto de inserção ambiental e à composição material dos sítios, permitiram entabular discussões sobre organização social e domínio territorial. O primeiro contexto se situa na porção meridional da laguna dos Patos, município de Pelotas, estado do Rio Grande do Sul, em que foram identificados sete sítios no litoral lagunar, os quais puderam ser interpretados como aldeias e acampamentos, compondo um sistema de assentamento regional conhecido como *tekohá*². O segundo contexto se situa no município de Araranguá, região litorânea do sul-catarinense, em que, da mesma forma, foi possível descrever unidades funcionais que também compuseram parte de um território de domínio Guarani. Ambos os contextos ocorrem cronologicamente entre os séculos XIV e XVII, e foram, em algum momento, impactados pela colonização europeia. Nosso objetivo, portanto, é demonstrar como o estudo da tecnologia cerâmica foi fundamental para alcançar interpretações contextuais numa perspectiva sistêmica, de modo a contribuir para as discussões não apenas de presença/ausência dos Guarani nas regiões estudadas, mas alcançar interpretações sobre organização sociocultural e estratégias de domínio territorial.

OS CONTEXTOS DAS PESQUISAS

O TERRITÓRIO DE DOMÍNIO GUARANI NO SUL DA LAGUNA DOS PATOS (PELOTAS/RS)

Na porção meridional da laguna dos Patos, município de Pelotas, estado do Rio Grande do Sul, foram identificados sete sítios Guarani (MILHEIRA, 2008; 2014a). A laguna dos Patos é um importante corpo aquífero da Planície Costeira, banhado por rios e arroios provenientes da serra do Sudeste (região onde também ocorrem dezenas de sítios Guarani), entre eles o arroio Pelotas, o mais importante na área da pesquisa. Os sítios se localizam à margem da referida laguna, em meio à mata de restinga litorânea, próximos de banhados e campos abertos, em terrenos suavemente elevados por cordões arenosos ou paleodunas. Dos sete sítios identificados no litoral, apenas quatro deles se tornaram objeto efetivo de pesquisa: os sítios PT-01-Sotéia e PT-05-Lagoinha (localizados na Ilha da Feitoria) e os sítios PS-02-Camping e PS-03-Totó (localizados na praia do Totó) (Figura 01).

Esses sítios, embora tenham características de implantação ambiental semelhantes, apresentam diferenças composicionais significativas. Os sítios PT-01-Sotéia, PT-05-Lagoinha e PS-02-Camping têm dimensões entre 20 e 50 m de raio. Além disso, apenas o último apresenta material em profundidade, com uma estratigrafia composta por uma fina lente de sedimento escuro, caracterizada por uma lixeira, onde foi escavada uma área de 4m². Os outros dois sítios, por sua vez, são apenas compostos por material em superfície e sem nenhum tipo de estrutura arqueológica aparente. Já o sítio PS-03-Totó, por outro lado, estende-se em um raio superior a 200 m e é composto por diferentes estruturas associadas, tendo um espaço funerário, uma área de lixeira e uma mancha de terra preta, onde foram escavados 4 m² e uma trincheira de 10 m x 0,50 m, caracterizando um espaço residencial³. As intervenções nesses sítios permitiram realizar datações radiocarbônicas que remontam ao final do século XIV (530 ± 40 AP, com data calibrada entre os anos 1390 a 1440 AD), para o sítio PS-03-Totó, e meados do século XV e século XVII (380 ± 50 AP, calibrada entre os anos 1450 a 1660 AD), para o sítio PS-02-Camping (MILHEIRA, 2008; 2014a; ALVES, 2012).

O TERRITÓRIO DE DOMÍNIO GUARANI NO SUL-CATARINENSE (ARARANGUÁ/SC)

Em uma área localizada no litoral sul-catarinense, abrangida pela bacia hidrográfica do rio Araranguá, foram registrados 31 sítios arqueológicos associados às populações Guarani (LAVINA, 2000; LINO, 2007; LAVINA, 2006; CAMPOS; SANTOS, 2014; 2015; CAMPOS, 2015; SANTOS, 2016). O principal curso d'água em âmbito local é o rio Araranguá, que surge da confluência dos rios Itoupava e Mãe Luzia, há aproximadamente 32 km de sua foz. Além disso, outro curso d'água que corta a área é o rio dos Porcos, de menor porte e único tributário do rio Araranguá. Esse ambiente litorâneo é composto, ainda, por um cordão lagunar formado pelas lagoas do Rincão, Urussanga Velha, Faxinal, Esteves, Mãe Luzia, da Serra e dos Bichos.

Os mencionados sítios arqueológicos estão distribuídos nos diferentes compartimentos do ambiente local, apresentando composições que vão desde fragmentos cerâmicos isolados até aglomerações de milhares de fragmentos cerâmicos e centenas

de peças líticas, eventualmente associadas à presença de manchas de terra preta e estruturas de combustão. Esses sítios têm dimensões que variam entre 5 m e 85 m de raio, cujas manchas de terra preta, típicas em sítios Guarani, ocorrem nos sítios de maior porte e têm dimensões que medem entre 10 m² até 440 m², associadas a centenas ou milhares de fragmentos cerâmicos. As datações dos sítios ocorrem entre 1450 até 1650 anos AD (datas calibradas em Sigma 2), o que sugere se tratar de uma ocupação consolidada entre o final do século XV e no século XVI, ou seja, no princípio da colonização europeia (SANTOS, 2016; SANTOS; MILHEIRA; CAMPOS, 2017).

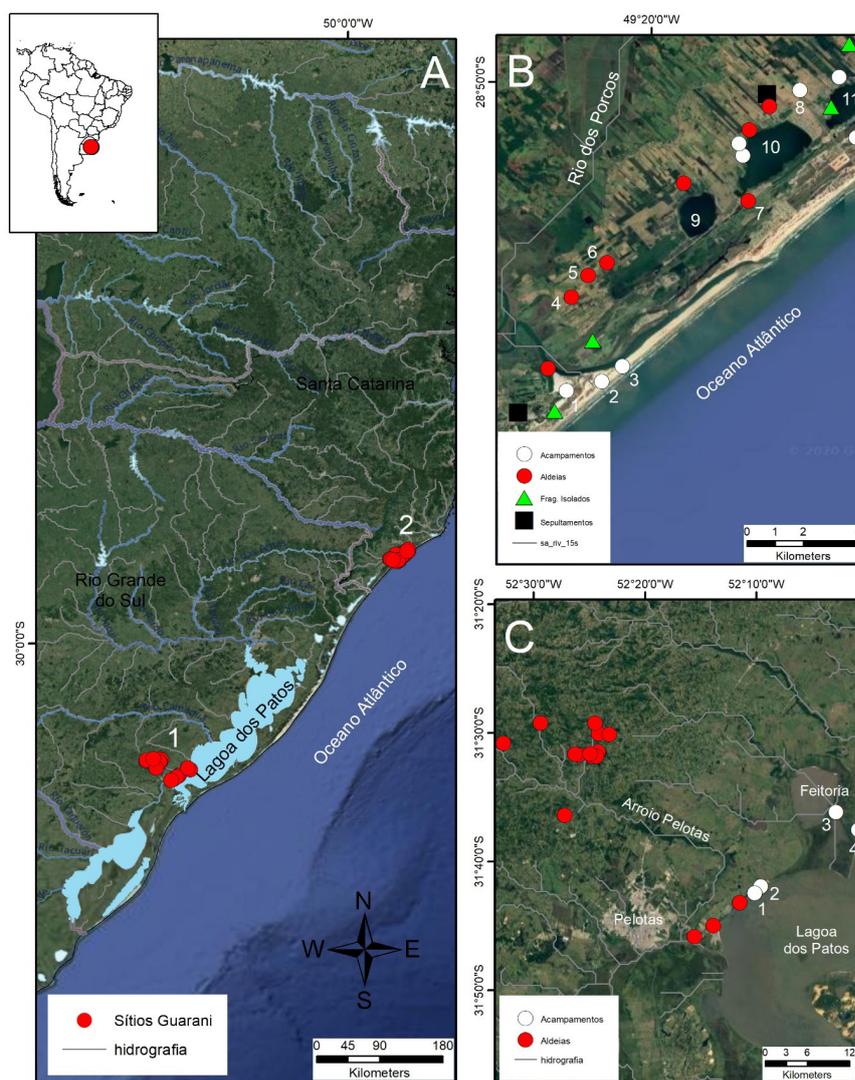


Figura 01: A) Localização dos contextos arqueológicos estudados (1) no sul da laguna dos Patos, em Pelotas, Rio Grande do Sul e (2) em Araruama, litoral sul de Santa Catarina.; B) Distribuição dos sítios aldeia e acampamentos em Araruama, SC; C) Distribuição dos sítios aldeia e acampamentos em Pelotas, RS.

MÉTODOS DE ANÁLISE DAS COLEÇÕES CERÂMICAS

As coleções cerâmicas, em sua maioria compostas por fragmentos de vasilhames, foram analisadas de maneira que possibilitou a geração de informações padronizadas e comparáveis entre os sítios arqueológicos de ambas as regiões, seguin-

do uma metodologia bastante consolidada nos estudos de cerâmicas arqueológicas (SHEPARD, 1985 [1956]; RYE, 1981; LA SALVIA; BROCHADO, 1989; ORTON; TYERS; VINCE, 1993). As etapas de análise, após curadoria, foram as seguintes: 1) quantificação das peças; 2) mensuração da espessura dos fragmentos; 3) análise do tratamento de superfície; e 4) projeção gráfica de vasilhames a partir de fragmentos de borda. As análises foram tabuladas e sistematizadas através de uma estatística descritiva, que permitiu observar as semelhanças e diferenças entre as coleções ou conjuntos dentro de cada um dos contextos estudados, em termos de frequência, o que colaborou para a definição dos tipos de vasilhas que ocorrem em ambas as regiões. Por sua vez, a projeção de vasilhas a partir das bordas (raramente sendo possível através de bases), em articulação com atributos estilísticos, como tipos decorativos cromáticos ou não, foi fundamental para inferir as categorias funcionais das vasilhas (BROCHADO; MONTICELLI; NEUMANN, 1990; BROCHADO; MONTICELLI, 1994; LA SALVIA; BROCHADO, 1989).

Segue, de maneira muito sintética, a descrição e a função de cada etapa no processo de análise:

- 1) A quantificação das peças por sítio/estrutura permitiu observar a densidade de material em cada sítio ou estrutura intra-sítio, fator importante para buscar o entendimento de uso do espaço. Assume-se que lugares com maior frequência de uso tendem a gerar maior quantidade de depósito, fator esse que deve ser, obrigatoriamente, ponderado pelos processos deposicionais e pós-deposicionais, como práticas de limpeza e reuso do espaço no contexto sistêmico, por exemplo;
- 2) Como o conjunto cerâmico destes sítios é caracterizado em sua totalidade por vestígios fragmentados, consideramos que a mensuração de sua espessura traz importantes informações acerca das dimensões dos vasilhames que compuseram seu conjunto artefactual, complementando e qualificando, desta forma, as inferências possíveis de serem realizadas. Há, evidentemente, variação da espessura ao longo das vasilhas, no entanto, acreditamos que a variação entre essas e a predominância de determinadas espessuras podem dar indícios da variedade dos vasilhames que estariam sendo utilizados no contexto do sítio no que diz respeito ao seu volume. Assim, ao pensarmos no contexto sociocultural que possivelmente caracterizou a ocupação dos sítios arqueológicos, a predominância e recorrência de fragmentos de grande espessura indicaria que vasilhames de grande porte estariam sendo usados, apontando assim tanto para um contexto doméstico de habitação de várias famílias, para aqueles vasilhames utilizados mais nos momentos cotidianos, quanto para um contexto de reunião social, onde se pode detectar o uso de vasilhames associados a festas e momentos rituais;
- 3) O tratamento da superfície é um importante indicador no que diz respeito à funcionalidade do vasilhame cerâmico. Consoante La Salvia e Brochado (1989), podem ser feitas correlações entre os tratamentos superficiais e as categorias funcionais dos vasilhames. Uma importante indicação dos autores supracitados neste sentido diz respeito à divisão entre as vasilhas que iam e que não iam ao fogo. Assim, as vasilhas cujo tratamento superficial apresentam modificações plásticas (como o corrugado, por exemplo), seriam aquelas que iam ao fogo durante as atividades domésticas, já aquelas com superfície tratada por banho ou pintura estariam reservadas para conservar e servir bebidas e alimentos. Com efeito, no caso do tratamento corrugado,

este teria como sua função primordial a ligação entre os roletes sobrepostos no ato de confecção dos vasilhames. Esta seria, portanto, uma etapa do processo construtivo, que poderia ter continuidade com o alisamento e tratamento cromático, ou ser finalizada. Assim, sua correlação com os vasilhames que tinham a função de ir ao fogo pode ser levantada a partir de aspectos tecnológicos de construção, e não otimização do uso, na medida em que experimentações realizadas por Cerezer (2011) demonstraram que as cerâmicas com tratamento superficial alisado proporcionam o aquecimento mais rápido de seu conteúdo. Neste sentido, a preferência pela utilização do tratamento corrugado nas vasilhas que iam ao fogo se daria não necessariamente por sua performance, mas sim por não haver o interesse em finalizar o processo de elaboração do vasilhame, que culminaria no tratamento cromático – dentro da cadeia operatória apontada por La Salvia e Brochado (1989) – visto que estes seriam objetos notadamente utilitários e de mais recorrente descarte.

É notório, ainda, a partir das observações de coleções de cerâmica inteira, que um mesmo vasilhame pode comportar mais de um tratamento superficial. Os grandes vasilhames, neste sentido, geralmente são caracterizados pelo tratamento alisado na parte inferior do diâmetro máximo do seu bojo, ao passo que na parte superior estariam presentes motivos cromáticos ou plásticos variados. Portanto, isto precisa também ser considerado ao se abordar os conjuntos de fragmentos. Entendemos que um importante dado que pode advir da quantificação dos tratamentos superficiais externos diz respeito à sua eventual variabilidade. Pois, dito de outra forma, se se constatar a predominância de uma quantidade reduzida de tipos de tratamentos, pode-se inferir acerca da função do sítio do qual estes vestígios provêm. Assim, seguindo as proposições de La Salvia e Brochado (1989), a ocorrência do tratamento corrugado estaria associada a contextos domésticos e práticos, ao passo que a ocorrência de tratamentos superficiais mais refinados denotaria a presença de eventos específicos, como rituais e festividades.

4) A projeção da forma dos vasilhames é também um passo importante para que se possa inferir a respeito de seu uso, informação esta que, associada aos demais elementos do registro arqueológico, potencializa a interpretação sobre áreas de atividade e unidades que compõem a organização social e territorial, como espaços de aldeias, acampamentos, roças, caminhos etc. Noelli (1999/2000, p. 256-257, inspirado em La Salvia e Brochado, 1989) aponta que, compreendendo as vasilhas dentro de um contexto sociológico, lançando mão de dados etnográficos e etno-históricos, sobretudo dos primeiros séculos de contato, verifica-se que há uma relação padronizada entre a morfologia dos vasilhames e a função à qual era destinado. Quanto à sua utilização, este autor afirma poderem ser divididos em dois conjuntos básicos: aqueles utilizados para “transformar os ingredientes em alimentos (*yapepós*, *ñaetás* e *kambuchis*)” e aqueles usados “como pratos (*ña’ẽmbé*) e tigelas de beber (*kambuchi kaguava*)”.

Essas vasilhas eram utilizadas tanto no contexto cotidiano, nas atividades de armazenamento e produção de alimentos, quanto nas festividades e rituais específicos. Portanto, pressupondo que na sociedade Guarani os laços de parentescos entre aldeias e a reciprocidade eram importantes elementos de coesão e manutenção da vida social e política (SOARES, 1997), e levando em consideração as frequentes festividades e a relação entre a produção e o consumo de bebidas e o prestígio de quem as promovia (NOELLI; BROCHADO 1998; ALMEIDA, 2015), a projeção e proporção das classes de vasilhames constitui-se como importante elemento para a interpretação de um sítio arqueológico dentro de um contexto regional.

De forma sucinta, as principais características morfológicas e funcionais da cerâmica Guarani podem ser descritas da seguinte maneira (LA SALVIA, BROCHADO, 1989; BROCHADO, MONTICELLI, NEUMANN, 1990; BROCHADO, MONTICELLI, 1994; NOELLI, 1999/2000; NOELLI, BROCHADO, CORRÊA, 2018).

Quadro 1: Principais características morfológicas e funcionais da cerâmica Guarani

<i>Classe de vasilha</i>	<i>Correlato*</i>	<i>Função</i>
<i>yapepó</i>	Panela	Tinha como função primária o cozimento. Poderia servir secundariamente como urna funerária. Por ser um objeto de constante manipulação e contato com o fogo – o que provavelmente acarretava em frequente quebra e descarte –, sua confecção se dava de forma mais utilitária, sendo o tratamento de superfície preponderante o corrugado.
<i>ñaetá</i>	Caçarola	Menor que o <i>yapepó</i> , também utilizada para o cozimento.
<i>ña'ẽmbé</i>	Prato	Usado para servir e consumir os alimentos, de maneira individual ou coletiva. É possível que fosse ao fogo para reaquecer a comida.
<i>ñamypyũ</i>	Tostador	Similar a pratos ou bandejas, muito raso. Era utilizado como tostador, provavelmente para torrar a farinha de mandioca.
<i>kambuchi</i>	Talha	Utilizado para armazenar líquidos, bem como produzir e conter o cauim – bebida fermentada Guarani, consumida em seus eventos festivos e ritualísticos. Raramente ia ao fogo. Tem como tratamento de superfície externa preponderante a pintura na parte superior e o alisamento na parte inferior. Poderia servir secundariamente como urna funerária.
<i>kambuchi kaguava</i>	Copo	Servia como recipiente para o consumo de líquidos, inclusive bebidas fermentadas em reuniões festivas ou rituais. Quanto ao tratamento de superfície, variam desde o pintado até o corrugado, unglado ou alisado, apresentando casos de pintura interna. Seu grau de elaboração pode dar indício do prestígio social de quem o usaria. Podia ser utilizado de forma individual ou comunitária.

Fonte: Noelli, Brochado e Corrêa (2018)

RESULTADOS

ANÁLISE DA CERÂMICA DOS SÍTIOS DE PELOTAS/RS

No contexto Guarani da laguna dos Patos, em Pelotas/RS, as análises arqueológicas foram feitas sobre as coleções cerâmicas de quatro sítios, sendo 184 fragmentos provenientes do sítio PT-01-Sotéia, 68 fragmentos do sítio PT-05-Lagoinha, 119 fragmentos do sítio PS-02-Camping e 829 fragmentos da área da mancha de terra preta e lixeira do sítio PS-03-Totó.

No que se refere ao tratamento de superfície, o conjunto cerâmico analisado no sítio PT-05-Lagoinha demonstrou que todas as peças têm a superfície externa alisada. Ao projetar as vasilhas cerâmicas através das bordas foi possível identificar apenas três *ñaetá* e um *kambuchi kaguava*. A medição do diâmetro de bordas da coleção (entre 12 cm e 20 cm de diâmetro) remeteu também a potes de pequenas dimensões, o que foi complementado pelos índices de espessura predominantes, que também se situaram entre 8mm e 10mm.

No sítio PT-01-Sotéia o conjunto cerâmico demonstrou uma predominância de peças com a superfície externa alisada, somando 98,36%, e apenas 2,71% de peças com decoração plástica. A projeção gráfica através das bordas possibilitou a identificação de apenas duas vasilhas do tipo *ñaetá*. O conjunto cerâmico do sítio remontou a potes de pequenas dimensões, com espessuras de paredes que predominaram entre 8 mm e 10 mm e diâmetros de borda entre 12 cm e 36 cm, porém sem ser possível saber, em sua totalidade, a que tipo de potes correspondem.

No sítio PS-02-Camping há um número significativo de peças com superfície externa alisada (36,3%), porém predominando a decoração plástica (60,58%), sendo que apenas 3,12% de peças apresentaram decoração cromática. As medições de espessura das paredes cerâmicas (com o predomínio entre 8mm e 10mm), sugeriram se tratar de vasilhas de pequeno e médio porte, o que se complementou também pelas medições de diâmetro de bordas (entre 12cm e 36cm). A projeção gráfica dos potes a partir das bordas indicou a ocorrência de uma vasilha do tipo *ña'ëmbé*, duas vasilhas do tipo *ñaetá*, dois potes do tipo *kambuchi kaguava* e três *yapepó*.

Já na análise do material cerâmico do sítio PS-03-Totó, ficou evidente a preocupação estética e tecnológica maior que em todos os outros sítios do litoral. Das 829 peças analisadas, 40,77% apresentaram alisamento na superfície externa, enquanto um número de 49,07% apresentou algum tipo de decoração plástica e 14,81% apresentaram decoração cromática. Quanto às dimensões das vasilhas, as medições de diâmetros de borda (entre 12cm e 50cm) indicaram vasilhas de várias dimensões, desde miniaturas até grandes potes, como aquelas do tipo *kambuchi guasu*. As medições das espessuras das paredes indicaram também esta tendência, pois houve um predomínio de peças com espessura entre 10mm e 12mm, mas notou-se um índice significativo de peças com espessuras acima de 14mm, remontando a potes de paredes grossas de grandes proporções, bem como índices abaixo de 6 mm, indicando peças de paredes finas de pequenas dimensões. As projeções de potes a partir das bordas apontaram para a presença de cinco vasilhas do tipo *ña'ëmbé*, sete do tipo *ñaetá*, onze *kambuchi kaguava* e cinco *yapepó* (ver Figuras 3, 4 e 5).

É importante mencionar também a presença de “bolotas de argila”, que são restos de produção da cerâmica, modeladas e postas ao fogo (Figura 2 A e B). Entre as bolotas, que variam de 3 a 7 cm, em duas foram identificadas decorações unguiladas, entendidas como indicadores de ensino-aprendizagem, pois sugerem terem sido usadas como exemplo de “como fazer” a decoração. As miniaturas de vasilhas *yapepó* (Figura 2 C e D) também sugerem esse processo de ensino, como apontado em contexto etnográfico (SILVA, 2000).

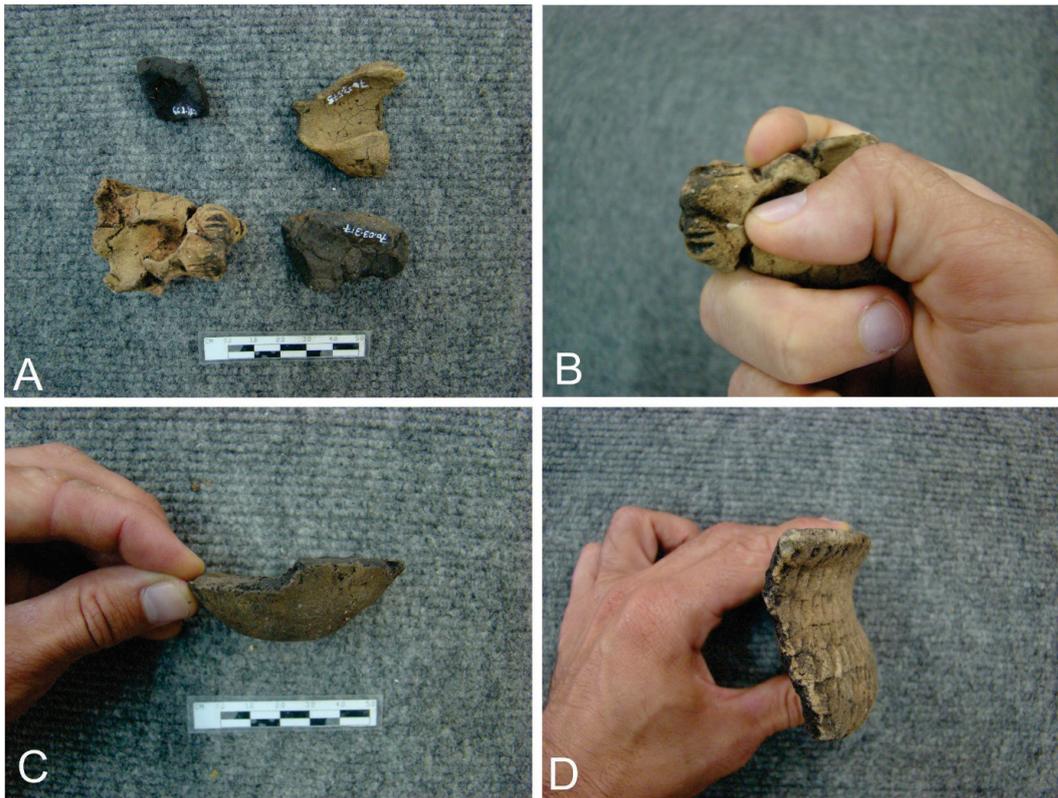


Figura 2: A) “bolotas de argila” modeladas; B) “bolota” modelada e com marcas de decoração unglada; C) base de miniatura de *yapepó*; D) borda de miniatura de *yapepó*.

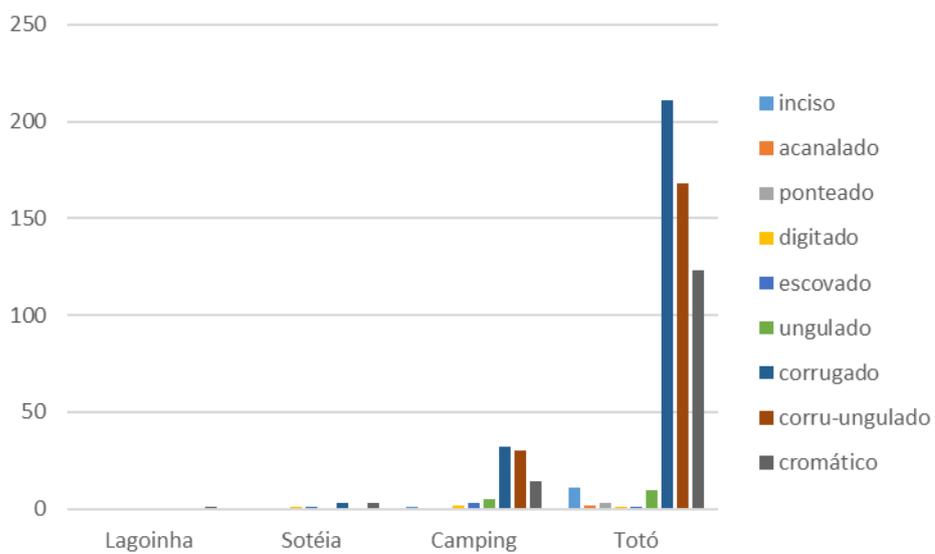


Figura 3: Quantificação de fragmentos por tratamento de superfície

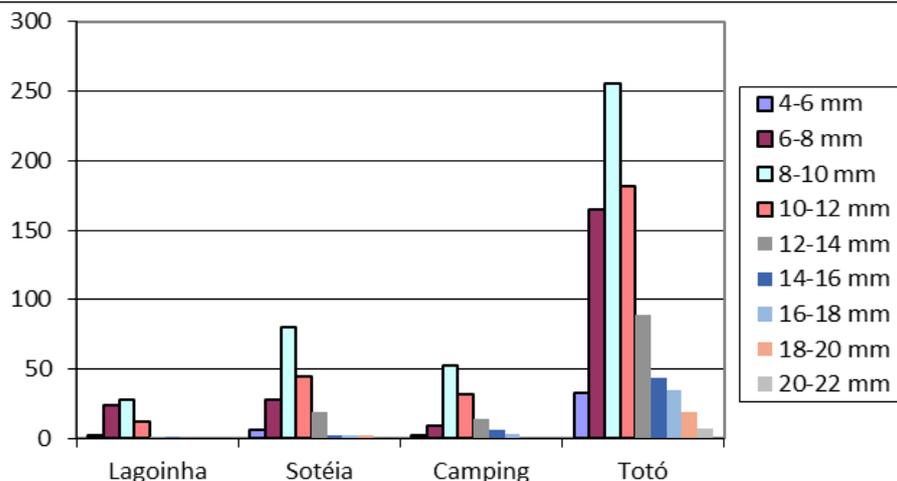


Figura 4: Quantificação de fragmentos por espessura

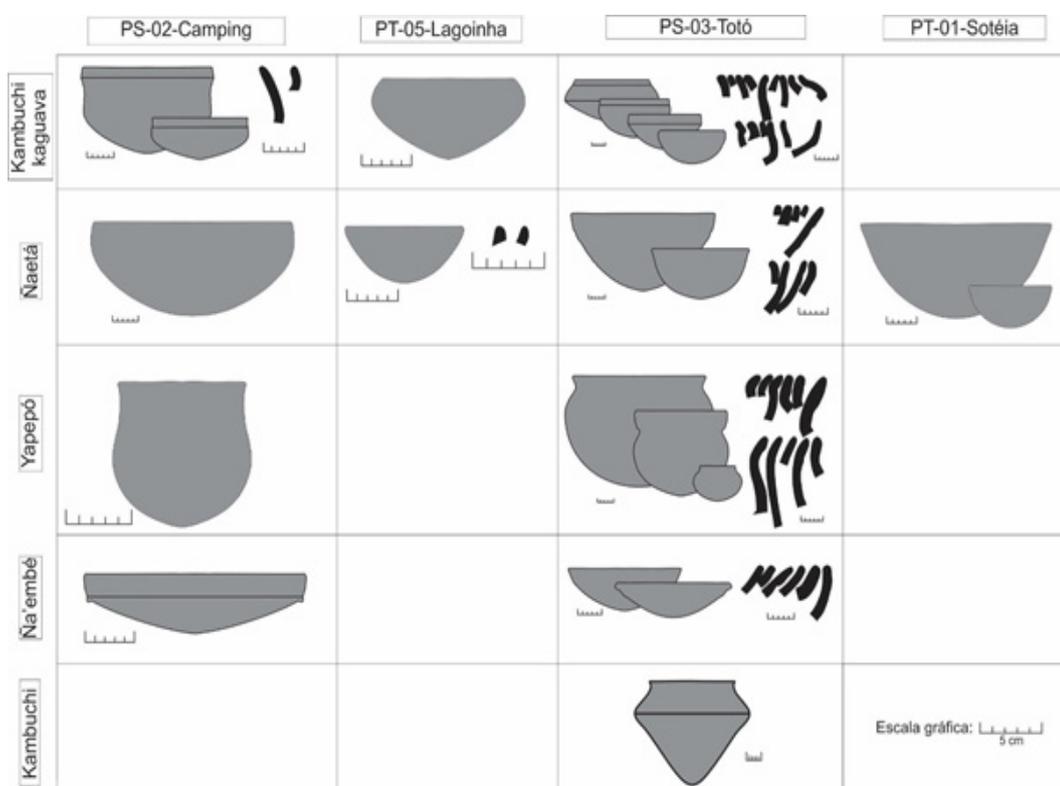


Figura 5: Categorias de vasilhas projetadas a partir de bordas dos sítios do contexto Guarani de Pelotas/RS

ANÁLISE DA CERÂMICA DOS SÍTIOS DE ARARANGUÁ/SC

No que se refere ao contexto do litoral de Araranguá/SC, serão aqui consideradas as análises realizadas nas coleções cerâmicas de oito sítios. Os materiais analisados dos sítios SC-ARA-008 (8319 fragmentos), SC-ARA-010 (1246 fragmentos) e SC-ARA-019 (21 fragmentos) são provenientes de escavações; os materiais do sítio SC-ARA-017 (559 fragmentos) são provenientes de coleta de superfície; já nos sítios

SC-ARA-007 (481 fragmentos), SC-ARA-031 (15 fragmentos), SC-ARA-047 (11 fragmentos) e SC-ARA-057 (35 fragmentos) não houve coleta de materiais – por se tratarem de sítios sobre dunas e sem estratigrafia, os materiais foram analisados *in situ*, como forma de evitar sua descontextualização e reduzir o impacto aos sítios.

Dos tratamentos de superfície externa dos fragmentos analisados no sítio SC-ARA-008, predominou o corrugado, que somou 52,77%, seguido por 32,82% de fragmentos alisados, 8,85% de ungulados e 4,4% de fragmentos com superfície que recebeu algum tipo de decoração cromática – tais como engobe branco e vermelho e pintura vermelha. Já a espessura desses fragmentos variou entre 3mm e 36mm, predominando os fragmentos com espessura entre 8mm e 12mm. Nesse sítio foram projetadas vasilhas referentes a *yapepó* (n=24), *kambuchi kaguava* (n=23), *ña'ëmbé* (n=18), *kambuchi* (n=8) e *ñaetá* (n=5). Essa variedade foi refletida também nos tamanhos estimados, que vão desde potes de pequenas dimensões até grandes vasilhames.

A predominância do tratamento corrugado também foi verificada no sítio SC-ARA-010, onde totalizou 68,54% dos fragmentos, seguido do alisado, com 24,64% dos fragmentos. O acabamento cromático representou apenas 3,04%. Quanto à espessura, predominam os fragmentos entre 8 mm e 12 mm. Foram projetados nove *kambuchi kaguava*, oito *yapepó*, quatro *ñaetá*, dois *ña'ëmbé* e um *kambuchi*.

No sítio SC-ARA-007, a expressiva maioria dos fragmentos se dividiu entre o corrugado (50,31%) e o alisado (43,04%). Os fragmentos com pintura representaram 5,41%, predominando nesse conjunto o engobe branco e a pintura vermelha sobre engobe branco. Nessa coleção não foram identificadas bordas que possibilitassem a projeção de vasilhames. Contudo, a mensuração da espessura dos fragmentos, apesar de demonstrar o predomínio das medidas entre 8 mm e 12 mm, indicou significativo número de espessuras maiores de 15 mm, apontando uma variedade de tamanhos de vasilhames.

Maior distribuição entre os tipos de fragmentos foi observada no sítio SC-ARA-017. Nesse, a maior parte da coleção analisada apresentou superfície alisada (30,59%), aparecendo significativo número de ungulado (22%), corrugado (20,21%) e corrugado-ungulado (13,60%). Destacaram-se, ainda, as superfícies com algum tipo de decoração cromática, que, entre engobe branco e vermelho e pinturas vermelha e preta, somaram 13,05%. Nesse sítio foi possível realizar a projeção de três *yapepó*, um *kambuchi kaguava* e quatro *ña'ëmbé*. As espessuras variaram entre 5 mm e 27 mm, predominando o conjunto entre 8 mm e 10 mm, indicando o maior número de recipientes de médio porte.

De menores dimensões e com uma coleção cerâmica sensivelmente mais reduzida, a análise do material proveniente do sítio SC-ARA-019 indicou a expressiva predominância dos acabamentos plásticos, com sete fragmentos corrugados (33,33%), cinco ungulados (23,81%) e três corrugados-ungulados (14,29%). Completam o conjunto quatro fragmentos com engobe branco (19,05%) e dois alisados (9,52%). O predomínio das espessuras entre 6 mm e 8 mm, por sua vez, remetem a recipientes de pequeno porte.

Os sítios acima se referem a coleções cerâmicas onde foram identificadas manchas de terra preta. Além desses, foram analisados sítios com pequeno número de fragmentos identificados em superfície sem associação com essas manchas. Destes, o sítio SC-ARA-057 apresentou 19 fragmentos corrugados (54,29%) e dois fragmentos

corrugados-ungulados (5,71%) – sendo que o restante do conjunto apresentou superfícies desgastadas, sem ser possível definir o tratamento plástico. Quanto à espessura dos fragmentos, observou-se o predomínio entre 6 mm e 8 mm, indicando terem pertencido a pequenos potes. Já no sítio SC-ARA-047 foram identificados 11 fragmentos corrugados, que, por suas características, provavelmente pertenceram a um mesmo pote de pequenas dimensões, com espessura de parede em torno de 8mm. Por fim, o sítio SC-ARA-031 é composto por 15 fragmentos corrugados, que, da mesma forma que no caso anterior, parecem ter feito parte de um mesmo vasilhame de pequenas dimensões, com espessura de parede de 6mm (ver gráficos 03 e 04 e figura 04).

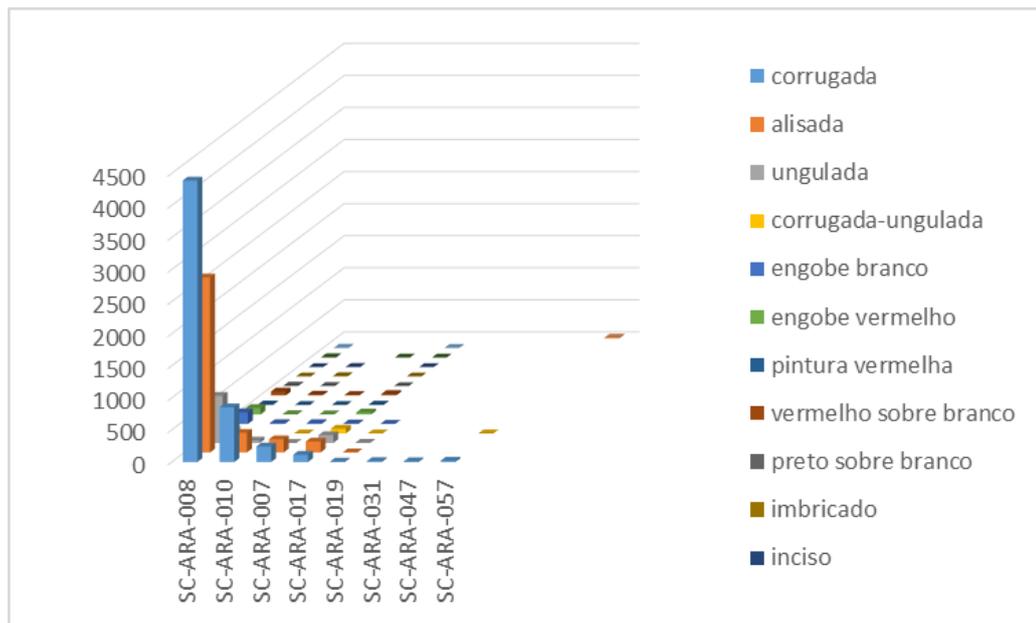
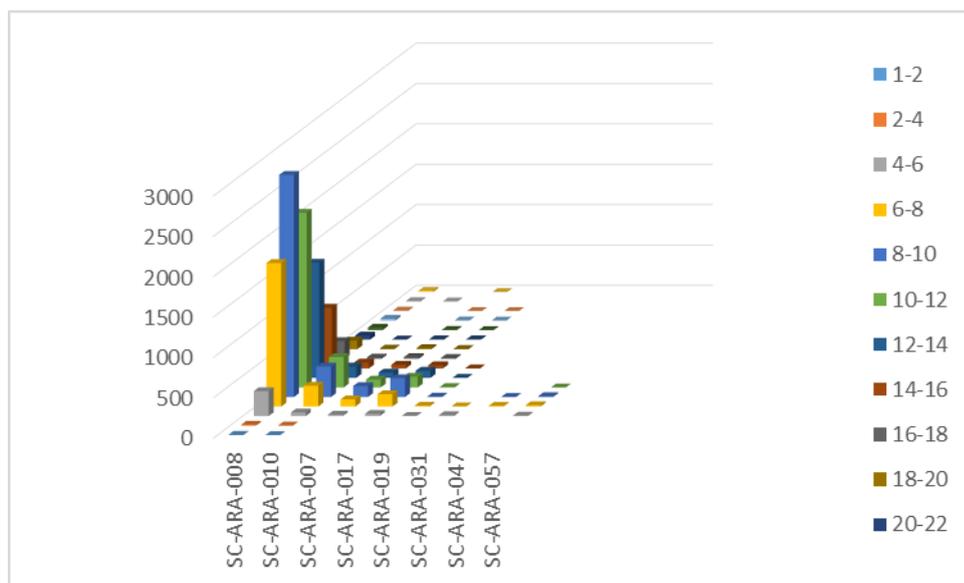


Figura 6: Quantificação de fragmentos por tratamento de superfície



463 Figura 7: Quantificação de fragmentos por espessura

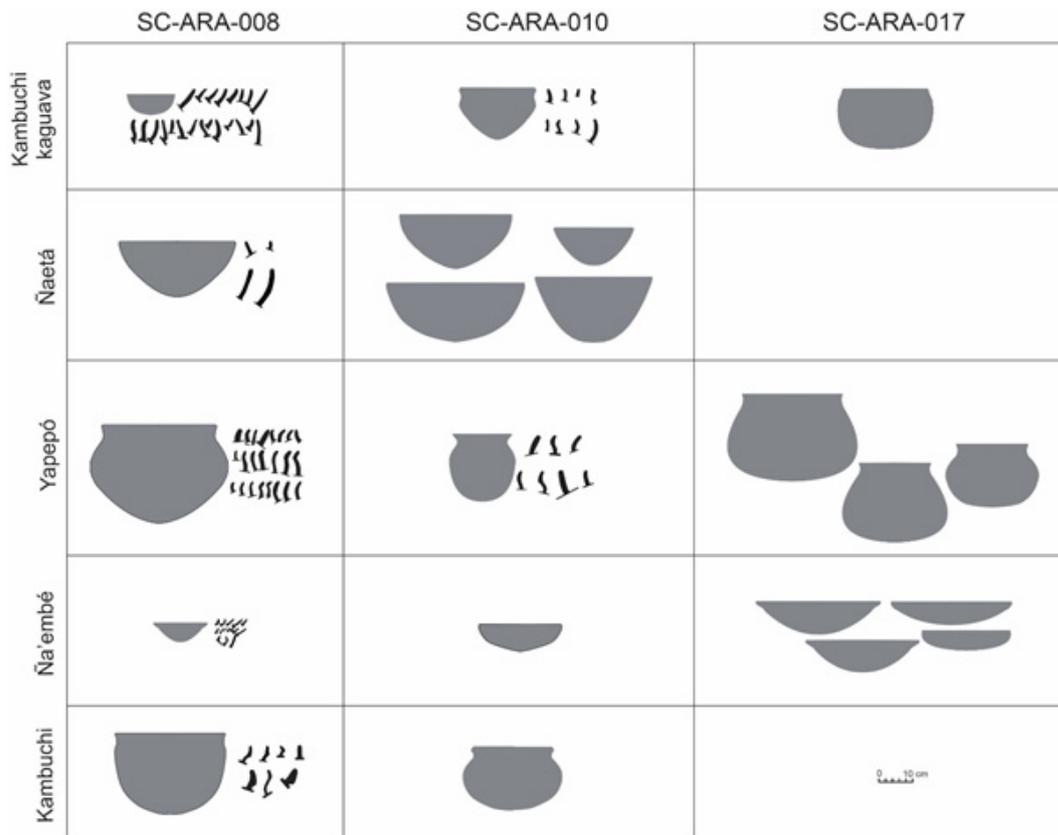


Figura 8: Categorias de vasilhas projetadas a partir de bordas dos sítios do contexto Guarani de Araranguá/SC

DISCUSSÃO

Diante da problemática colocada, qual seja, a análise de conjuntos artefatuais cerâmicos com vistas a entender a organização territorial pelos povos Guarani, a partir da comparação de dois contextos litorâneos do litoral sul do Brasil (Pelotas/RS e Araranguá/SC), alguns parâmetros foram mobilizados.

Para pensar os sítios Guarani a partir de uma perspectiva sistêmica, remontou-se às propostas de Brochado (1984), ao enfatizar que a ocupação do território Guarani é efetuada de forma planejada e resultante do domínio que o grupo tem do ambiente. Além disso, a territorialização seguiria uma sociologia de expansão capilarizada a partir dos centros aldeões para a periferia do sistema, avançando em blocos dominados pela conquista bélica e/ou alianças políticas, ao que o autor deu o nome de “enxameamento”. Seguindo esta abordagem, Noelli (1993, 1999/2000) também avança sobre a sociologia do território Guarani, demonstrando a correlação dialética entre a manutenção dos elementos territoriais desdobrados na longa duração (*tekohá*) e o modo de ser Guarani (*tekó*). Noelli (1993), seguido por Soares (1997), também avança sobre o tema da organização social em articulação a esses elementos territoriais. Assim, apontando que, em uma primeira camada, haveria a família extensa, ou *te'ýi*; em seguida, o conjunto de casas que abrigam estas famílias extensas, a aldeia ou *te'ýi ogá*; em terceiro, o conjunto de aldeias que estão inseridas em um território, ou *tekohá*; em quarto e último, o conjunto de *tekohás*, que forma uma região sob domínio Guarani, ou *guará*. O *tekohá*, nesse sentido, seria uma delimitação a partir da qual se poderia refletir sobre o

domínio de um ambiente regional pelos Guarani, acrescentando-se a esse modelo, além dos locais de moradia, que materialmente se refletiram nas estruturas de habitação que formavam os assentamentos, também as estruturas anexas, caminhos, acampamentos, áreas de roça, de coleta de pedras, barro e conchas, etc. (NOELLI 1993, 1999/2000; SOARES 1997).

E eis que aí reside um importante desafio: se os dados sintetizados da literatura permitem descrever o modo de organização social e territorial Guarani, como chegar a este nível de interpretação sistêmica com base no estudo da cultura material arqueológica?

Este desafio já foi abordado em trabalhos anteriores para interpretação de áreas de atividades funcionais componentes do sistema territorial e espacial Guarani. Dias e Hoeltz (2011) descreveram processos de lascamento de instrumentos líticos, demonstrando a ocorrência de determinadas categorias de artefatos líticos em áreas de roça (*kog*), como os machados e enxós, e espaços residenciais (*te'ýi og*), onde predominam instrumentos perfurantes e cortantes feitos em lascas unifaciais e bifaciais. Soares (2005), Milheira (2014b) e Schneider (2019) interpretaram espaços de deposição de lixo, considerando a alta variabilidade de materiais cerâmicos, aglomeração em pontos específicos no sítio e associação com uso de fogo. Rogge (2006) também considerou os tipos de vasilhas e frequências para interpretar a função aldeã de sítios localizados no litoral central do Rio Grande do Sul. Schneider (2019) partiu de um refinado estudo das vasilhas em determinados sítios, com uma base cronológica radiocarbônica robusta, para não apenas descrever o sistema de assentamento, mas discutir processos de reocupação aldeã.

No presente trabalho, a variabilidade de categorias de vasilhas, a frequência espacial e a associação com outros tipos de materiais permitiram distinguir entre espaços de aldeia (*te'ýi og*) e acampamentos (*tapýi*). No contexto Guarani em Pelotas, os conjuntos artefatuais cerâmicos dos sítios PT-01-Sotéia, PT-05-Lagoinha e PS-02-Camping contrastaram significativamente com o sítio PS-03-Totó. Nos primeiros, ocorreram vasilhas pequenas e médias com espessuras também referentes a vasilhas finas e médias, geralmente com tratamento de superfície alisado, cujas categorias são aquelas funcionais que vão ao fogo e associadas a contextos espaciais. Esses sítios não apresentaram profundidade estratigráfica e contextos densos, além de terem pequenas dimensões espaciais.

O sítio PS-03-Totó, por sua vez, apontou uma grande variabilidade de categorias cerâmicas, com vasilhas pequenas, médias e grandes, com diferentes tipos decorativos, desde peças pintadas a vasilhas que são usadas para cozinhar, armazenar, servir e enterrar os mortos. Ainda nesse sítio, foram encontradas vasilhas de diferentes dimensões, incluindo exemplares de miniaturas e bolotas de argila, de pequenas dimensões, entre 3 cm e 6 cm, que podem ser interpretadas como resultado de processos de ensino-aprendizagem. As dimensões do sítio são muito mais abrangentes do que os primeiros, e o mesmo apresentou uma mancha de terra preta típica de espaços residenciais Guarani, com estratigrafia densa. Dessa forma, pode-se interpretar que o sítio PS-03-Totó remonta a uma aldeia litorânea em que a variabilidade de categorias cerâmicas e diferentes contextos espaciais denota vários aspectos sistêmicos da vida cotidiana, gerando um registro arqueológico denso e variado.

Por outro lado, a efemeridade, a simplicidade e as pequenas dimensões dos contextos dos sítios PT-01-Sotéia, PT-05-Lagoinha e PS-02-Camping denotam o uso

específico desses espaços, provavelmente como acampamentos litorâneos, associados ao contexto da aldeia do Totó. Além da baixa volumetria e da simplicidade dos tipos das vasilhas, esses sítios também se caracterizam por vestígios de fauna lacustre, especialmente peixes estuarino-dependentes, como Miraguaia (*Micropogonias furnieri*), Corvina (*Pogonias cromis*) e espécies de bagre (*Genidens* sp.) (MILHEIRA; ULGUIM, 2007). Portanto, seriam as áreas de captação de recursos, onde as pessoas deviam se deslocar a partir da aldeia central para pescar, coletar e depois retornar à vida social coletiva, entre familiares.

Um resultado semelhante foi alcançado na área litorânea de Araranguá. Aplicando os parâmetros de análise estabelecidos, foi possível interpretar os sítios compondo uma área de domínio territorial dos Guarani no sul catarinense. Seguindo o raciocínio de que a variabilidade e a densidade cerâmica, associadas às demais características materiais do sítio, indicariam a constância da permanência no local, os sítios SC-ARA-031, SC-ARA-047, SC-ARA-057 e SC-ARA-019, por apresentarem baixa variabilidade de categorias cerâmicas e baixa densidade de materiais em um registro sem profundidade estratigráfica e pequenas dimensões espaciais, foram interpretados como locais associados a atividades especializadas, de uso efêmero.

Desses, os sítios SC-ARA-031 e SC-ARA-047, por se encontrarem na área de dunas sobre pequenas elevações em uma planície entre o rio Araranguá e o Oceano Atlântico, indicam que se tratariam de acampamentos temporários com o objetivo de adquirir fauna aquática ou outros pequenos animais de ambientes de restinga. Da mesma forma pode ser interpretado o sítio SC-ARA-057, que também se encontra em ambiente dunar e propício a alagamento. A presença de fragmentos de vasilhames de pequeno porte, em número ínfimo, nas coleções cerâmicas desses sítios aponta, também, para a utilização desses lugares por breves períodos, provavelmente em momentos sazonais.

Já o sítio SC-ARA-019 também apresenta características de ter constituído um acampamento especializado, por sua baixa densidade e variabilidade material. Todavia, chama-se a atenção para a presença de uma tênue mancha de terra preta e duas pequenas estruturas de combustão em sua composição, o que pode ser interpretado como o resultado de uma pequena e efêmera construção e de permanência por breve período de tempo no local. Estes fatores, associados aos fragmentos de pequenas vasilhas, permitem pensar em uma estrutura complementar, como as pequenas cabanas – *tapyí, teypá* – indicadas por Noelli (1993, p. 100).

Os sítios SC-ARA-007, SC-ARA-008, SC-ARA-010 e SC-ARA-017, por sua vez, apresentaram alta densidade de materiais associados a manchas de terra preta e profundidade estratigráfica. Nesses sítios, a análise das coleções cerâmicas e a projeção gráfica indicaram a presença de potes grandes, médios e pequenos, com muita variabilidade em termos de tratamento de superfície, desde vasilhas pintadas àquelas usadas para cozinhar, armazenar e servir. Essa variedade no conjunto cerâmico, juntamente com a presença de manchas de terra preta, leva ao entendimento de que estes sítios são oriundos de assentamentos mais duradouros, caracterizando locais de moradias. Sua localização sugere que haveria uma preferência em estabelecer os assentamentos em uma relativa distância do oceano, em uma área de planície entre as lagoas. Associados a esses assentamentos estariam os acampamentos, que desempenhariam distintas funções no contexto da organização territorial Guarani.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho abordamos um desafio que emerge da obra e inspiração teórica de José Proenza Brochado, orientados/as e pessoas que por ele foram influenciadas, a partir do final dos anos 1980. Especialmente, as obras de Noelli (1993) e seus desdobramentos (NOELLI; BROCHADO, 1998; NOELLI, 1999/2000; NOELLI; DIAS, 1995, NOELLI; BROCHADO; CORRÊA 2018, entre outras), que inspirado em Brochado, debruçou-se especificamente ao tema da arqueologia Guarani, trazendo relevantes interpretações sobre modo de vida, economia, formas e estruturas das aldeias, organização social, uso de plantas, armadilhas, equipamentos de caça e pesca, etc., de modo a dar um *corpus* comportamental à estática do registro arqueológico. De sua obra, seguiu-se outras da mesma geração, como Monticcelli (1995), Assis (1996) e Soares (1997), que também refletiram sobre o cenário histórico de grupos Tupi-Guarani, elevando a teoria a outro patamar, com engajamento político e compreensão da história indígena de longa duração de forma continuísta.

Com a articulação entre dados arqueológicos, etno-históricos e etnográficos, Brochado e seus orientados balançaram as raízes do histórico-culturalismo, em busca de uma abordagem processual e sistêmica. Se antes esteve limitada a temas como migração e difusão, a partir de Brochado a Arqueologia Guarani pôde intentar abordagens mais amplas, em que temas como território, alimentação, áreas de atividade, captação de recursos, tecnologia, criatividade e normatividade, vida aldeã e organização social passaram a ser tratados.

É importante reforçar que o trabalho de Brochado resultou de muita leitura e uma grande síntese de registros históricos a partir do século XVI, os quais foram associados ao estudo da cultura material. No entanto, a história Guarani tem mais de 2500 anos, o que coloca o desafio de como abordar essa história milenar desenvolvida em uma escala geográfica semi-continental com base exclusivamente na materialidade proveniente dos lugares ocupados no passado.

Pautados nesse desafio, abordamos dois contextos Guarani, um na porção meridional da laguna dos Patos e outro na bacia hidrográfica do Rio Araranguá, litoral sul-catarinense. Em ambos os contextos ficou demonstrado que a variabilidade artefactual, associada às dimensões dos sítios e estruturas neles registradas, permitem pensar a funcionalidade dos espaços ocupados. Em ambos os casos, foi possível distinguir entre aldeias e acampamentos, sendo as aldeias os espaços com maior variabilidade artefactual cerâmica – com vasilhas de diferentes categorias funcionais, desde potes para cozinhar, servir e enterrar os mortos, com dimensões e tipos decorativos em grandes quantidades –, associada, geralmente, a manchas de terra preta. Os acampamentos, por sua vez, tenderiam a resultar em um registro arqueológico mais tênue, sem profundidade estratigráfica, com baixa densidade de materiais e vasilhas pequenas e médias, predominando o tratamento de superfície alisado ou corrugado, indicando potes utilizados para cozinhar e servir em pequenas quantidades.

Aldeias, acampamentos, roças, caminhos, casas, lixeiras, cemitérios, entre outras unidades funcionais, são elementos fundamentais que compõem o sistema organizacional Guarani, e sua definição em termos arqueológicos não emerge naturalmente. Partir dos materiais cerâmicos e suas características tecnológicas, das pedras lacadas e polidas, da terra preta em contraste com áreas não evidentemente antropizadas, até à interpretação dos espaços funcionais, requer um grande esforço metodológico e interpretativo, cuja

obra de Brochado foi, sem sombra de dúvidas, um divisor de águas, através da qual se pôde refinar o entendimento da história Guarani, de maneira ampla e sistêmica.

Agradecimentos

Agradecemos a Francisco S. Noelli pelo convite para participar do dossiê e pela leitura e sugestões sobre o conteúdo deste texto, o que permitiu ampliar a sua qualidade. Da mesma forma, agradecemos a ambos os pareceristas anônimos que também apontaram importantes correções e sugestões. Os resultados desta pesquisa só foram possíveis com o suporte do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), através da bolsa de Pesquisa de produtividade (Processo 303266/2018-0).

FROM VESSELS TO TERRITORY: THE BROCHADIAN METHODOLOGICAL CHALLENGING IN TWO GUARANI CONTEXTS

Abstract: the systemic implication of José Proenza Brochado's work to Brazilian archaeology (and to the archaeology of the Tupi-speaking peoples) was felt in the 1970s. On topics such as territory, social organization, technologies, movement and expansion, food and production, new interpretative windows, and methodological approaches were opened which influenced the new generations of researchers. Influenced by his work, we present a study in two archaeological contexts of Guarani sites in southern Brazil - south of Patos lagoon and on the southern coast of Santa Catarina -, thinking them from a systemic perspective of the territorial domain. Based mainly on the results of the analysis of ceramic collections present in the archaeological sites, parameters were used to think about the use of space, identifying places of households and camps, which would be articulated among themselves and distributed within a territory of domain - the tekohá.

Keywords: *Guarani Archaeology. Guarani Pottery. Territory of domain.*

Notas

- 1 Evidentemente todos os elementos da cultura material são vetores comportamentais e devem ser objeto de análise arqueológica. O silenciamento analítico sobre a indústria lítica Guarani, em detrimento do estudo da tecnologia cerâmica, já foi amplamente criticado, visto que há toda uma faceta do mundo Guarani que se relaciona com as pedras (LA SALVIA; BROCHADO, 1989; NOELLI; DIAS, 1995; DIAS; HOELTZ, 2011; MILHEIRA, 2011). No entanto, no presente estudo, queremos valorizar a contribuição teórico-metodológica da obra de La Savia e Brochado (1989) – “Cerâmica Guarani” –, o que nos leva ao campo de análise das vasilhas cerâmicas como elemento fundamental para as interpretações.
- 2 A grafia dos termos em Guarani segue a forma apresentada em Noelli, Brochado e Corrêa (2018), em que os autores fizeram um esforço de revisão de termos publicados e reproduzidos desde os anos 1980, pelo menos.
- 3 Esta mesma estrutura residencial foi escavada novamente, chegando-se a um total de 77 m², cujos resultados da pesquisa não modificaram as interpretações aqui apresentadas (ALVES, 2012).
- 4 Passaremos a utilizar o termo *te'j'i og* para designar as residências das famílias extensas Guarani, abandonando o termo *amundá* publicado em outros trabalhos (ASSIS, 1996, SOARES, 1997, MILHEIRA, 2008; 2014a; 2014b). Para os Guarani, segundo Montoya (1639), o termo *amundá* designa vizinhos ou vizinhança: “pueblo, la vezindad de pueblos pequeños. *Amundabiguára*, vezinos en aldeas cerca de pueblos grandes [...] pueblo cerca de otro pueblo (MONTTOYA, 1639, p. 33). O termo *te'j'i og* designaria a casa da família extensa, sendo introduzido na arqueologia por Noelli (1993), seguindo a interpretação de Susnik (1979-1980; 1983), com o sentido traduzido por Montoya como casa grande

que reunia parentes e aliados, a “parcialidad [traduz grupo de pessoas aparentadas e aliadas, parcialidade tem outro sentido em português...]” ou “genealogia”, e como *te’ji upáva*, “lugar público, o lugar de muchos” (MONTROYA, 1639, p. 376). O termo *og* (ou, contemporaneamente, *oga*) traduz-se por casa/residência ou como os materiais da cobertura de um espaço de habitação ou para pernoitar. Assim, *te’ji og* significa residência, “o lugar onde vivia a linhagem, que poderia conter até sessenta famílias nucleares” (SUSNIK, 1979-1980, p. 18). É importante ressaltar que a concepção de casa mudou com a circunscrição territorial imposta no processo colonial. Conforme a hipótese de Francisco S. Noelli (com. pessoal, nov. de 2020), as famílias extensas foram deixando de viver reunidas dentro da *og*, dividindo-se nas *kapyra*, casas para famílias nucleares, predominantes na atualidade, especialmente onde a Terra Indígena não foi homologada pelo poder público brasileiro (após a posse da terra, as casas deixam de ser provisórias, assemelhadas às “chozas”, “cabañas” e “casas de la roza”, referidas por Montoya. Conforme Noelli, os registros arqueológicos mostram que a *og* tinha uma planta baixa predominantemente elíptica, com até 40 por 18 metros, enquanto as *kapyra* são casa isoladas que possuem atualmente tamanhos médios de entre 4 x 6 metros e 6 x 8 metros (eventualmente pouco mais ou menos). A outra parte da hipótese de Noelli é que uma *kapyra* corresponde ao espaço aproximado que a família nuclear ocuparia dentro de uma *og*. O tamanho da *og* era proporcional à soma do número de famílias nucleares compartilhando espaços retangulares equivalentes aos da *kapyra*, justapostos em duas colunas distribuídas ao longo do eixo longitudinal da residência.

Referências

ALMEIDA, Fernando Ozorio de. A arqueologia dos fermentados: a etílica história dos Tupi-Guarani. *Estudos Avançados*, v. 29, n. 83, p. 87-118, 2015.

ALVES, Alúcio Gomes. *Análise espacial em um sítio Guarani no litoral sudoeste da laguna dos Patos, Sítio PS-03 Totó*. 242 f. 2012. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2012.

ANGRIZANI, Rodrigo Costa. Variabilidad, Movilidad y Paisaje. Una propuesta interpretativa para los vestigios de los asentamientos precoloniales en el noroeste del Rio Grande do Sul (Brasil). Tese (Doutorado) - La Plata, 2011.

ASSIS, Valéria S. de. *Da Espacialidade Tupinambá*. Porto Alegre: PUCRS. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, 1996.

BROCHADO, José Justiniano Proenza. Migraciones que difundieron la tradición alfarera Tupiguarani. *Relaciones – Sociedad Argentina de Antropología*, Nova Serie, Buenos Aires, v. 7, p. 7-39, 1973.

BROCHADO, José Justiniano Proenza. *An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into Eastern South America*. 1984. Tese (Doutorado) – University of Illinois, Champaign, 1984.

BROCHADO, José Justiniano Proenza; MONTICELLI, Gislene; NEUMANN, Eduardo. Analogia etnográfica na reconstrução gráfica das vasilhas Guarani arqueológicas. *Veritas*, v. 35, n. 140, p. 727-743, 1990.

BROCHADO, José Justiniano Proenza; MONTICELLI, Gislene. Regras práticas na reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica Guarani a partir dos fragmentos. *Estudos Ibero-americanos*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 107-118, 1994.

CAMPOS, Juliano Bitencourt; SANTOS, Marcos Cesar Pereira. *Programa de resgate arqueológico da Jazida de Areia Eckert, Campo Mãe Luzia*. Relatório Final. Criciúma: UNESC, 2014.

- CAMPOS, Juliano Bitencourt; SANTOS, Marcos Cesar Pereira. *Programa de Resgate Arqueológico do Loteamento Residencial Mirante da Lagoa. Município de Içara (atualmente Balneário Rincão)*. Criciúma: IPAT/UNESC, 2015.
- CAMPOS, Juliano Bitencourt. *Arqueologia Entre Rios e a Gestão Integrada do Território no Extremo Sul de Santa Catarina – Brasil*. 2015. Tese (Doutorado) – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal, 2015.
- CEREZER, Jedson Francisco. *Cerâmica Guarani: Manual de Experimentação Arqueológica*. Erechim/RS: Habilis, 2011.
- DIAS, Adriana Silva; HOELTZ, Sirley. Dentro da casa/ fora da casa: Variabilidade Lítica e Sistema de Assentamento para a Tradição Guarani. *Habitus*, Goiânia, v. 9, n. 2, p. 289-305, 2011.
- LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José Justiniano Proenza. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.
- LAVINA, Rodrigo. *Relatório Final do Projeto de Salvamento Arqueológico da Rodovia Interpraías*. Criciúma: IPAT/UNESC, 2000.
- LAVINA, Rodrigo. *Levantamento Arqueológico da Jazida de Areia Eckert, Hercílio Luz – Araranguá/SC*. Relatório de Pesquisa. Criciúma: IPAT/UNESC, 2006.
- LINO, J. T. *Arqueologia Guarani na Bacia Hidrográfica do Rio Araranguá, Santa Catarina*. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 2007.
- MÉTRAUX, Alfred. Les migrations historiques des Tupi-Guarani. *Journal de la Société des Américanistes*, Paris, v. 19, p. 1-45, 1927.
- MÉTRAUX, Alfred. *La Civilization Matérielle des Tribus Tupi-Guarani*. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1928.
- MILHEIRA, Rafael Guedes. Um modelo de ocupação regional Guarani no sul do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 18, p. 19-46, 2008.
- MILHEIRA, Rafael Guedes; ULGUIM, Priscilla Ferreira. Uma contribuição para a Zooarqueologia em sítios Guarani do litoral sul do Brasil, Laguna dos Patos, Pelotas-RS: estratégias de assentamento, aspectos alimentares e função de sítio. *Revista CLIO, Série Arqueológica (UFPE)*, v. 1, p. 84-107, 2010.
- MILHEIRA, Rafael Guedes. Os Guarani e seus artefatos líticos: um estudo tecnológico no sul do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 21, p. 129-152, 2011.
- MILHEIRA, Rafael Guedes. *Arqueologia Guarani na Planície Sudoeste da Laguna dos Patos e Serra do Sudeste*. Pelotas: EDUFPEl, 2014a.
- MILHEIRA, Rafael Guedes. Áreas de descarte em sítios arqueológicos Guarani: o caso das lixeiras. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 24, p. 3-23, 2014b.
- MONTICELLI, G. *Vasilhas Cerâmicas Guarani: Um Resgate da Memória Entre os Mbyá*. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, 1995.
- MONTOYA, Antonio Ruiz. *Tesoro de la lengua Guarani*. Madrid, 1639.
- NOELLI, Francisco Silva. *Sem tekoha não há tekó: em busca de um modelo etnoarqueológico da subsistência e da aldeia Guarani aplicado a uma área de domínio do delta*

do Jacuí – RS. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 1993.

NOELLI, Francisco Silva; DIAS, Adriana Schmidt. Complementos históricos ao estudo funcional da indústria lítica Guarani. *Revista do CEPA*, v. 19, n. 22, p. 7-24, 1995.

NOELLI, Francisco Silva. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas – 1872/2000. *Revista da USP*, São Paulo, n. 44, p. 218-269, 1999/2000.

NOELLI, Francisco Silva; BROCHADO, José Proença. O Cauim e as Beberagens dos Guarani e Tupinambá: Equipamentos, Técnicas de Preparação e Consumo. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 8, p. 117-128, 1998.

NOELLI, Francisco Silva; FERREIRA, Lúcio Menezes. A Perspectiva da teoria da degeneração indígena e do colonialismo nos fundamentos da arqueologia brasileira. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 4, p. 1239-1264, 2007.

NOELLI, Francisco Silva; BROCHADO, José Justiniano Proença; CORRÊA, Angelo Alves. A linguagem da cerâmica Guarani: sobre a persistência das práticas e materialidade (parte 1). *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 10, n. 2, p. 167-200, 2018.

ORTON, Clive; TYERS, Paul; VINCE Alan. *Pottery in Archaeology*. London: University Press, Cambridge, 1993.

ROGGE, Jairo Henrique. Os sítios arqueológicos estudados no litoral central. *Pesquisas, Antropologia*, v. 63, p. 133-178, 2006.

RYE, Owen S. *Pottery Technology. Principles and Reconstruction*. Washington D.C.: Taraxacum, 1981.

SANTOS, Josiel dos. *Arqueologia Guarani e sistema de assentamento no extremo sul de Santa Catarina*. 177 f. 2016. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, Santa Catarina, Brasil, 2016.

SANTOS, Josiel dos; MILHEIRA, Rafael Guedes; CAMPOS, Juliano Bitencourt. Entre rios, dunas, lagoas e o mar: arqueologia Guarani no litoral sul de Santa Catarina. *Revista de Arqueologia*, v. 30, p. 28-55, 2017.

SCHNEIDER, Fernanda. *Poder, transformação e permanência: a dinâmica de ocupação Guarani na bacia do Taquari-Antas, Rio Grande do Sul, Brasil*. 2019. Tese (Doutorado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, Rio Grande do Sul, Brasil, 2019.

SHEPARD, Anna O. *Ceramics for the Archaeologist*. Washington D.C.: Carnegie Institution of Washington, 1985 [1956].

SILVA, Fabiola. A tecnologia e seus significados. Um estudo da cerâmica dos Assuriní do Xingu e da Cestaria Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2000.

SOARES, André Luís Ramos. *Guarani: organização social e arqueologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

SOARES, André Luís Ramos. *Contribuição para a Arqueologia Guarani*. São Paulo: USP, 2005. 237 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2005.

SUSNIK, Branislava. *Los Aborígenes del Paraguay. Etnohistoria de los guaranties. Epoca colonial*. Assuncion: Museo Etnografico Andres Barbero. Tomo II, 1979-1980.